

A DIVINA COMÉDIA

INFERNO

DANTE ALIGHIERI

TRADUÇÃO JOSÉ PEDRO XAVIER PINHEIRO



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto
Dante Alighieri

Produção e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Tradução
José Pedro Xavier Pinheiro

Imagens
Morozova Olga/Shutterstock.com;
Gleb Guralnyk/Shutterstock.com

Revisão
Fernanda R. Braga Simon
Project Nine Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A411i	Alighieri, Dante
	Inferno / Dante Alighieri ; traduzido por José Pedro Xavier Pinheiro. - Jandira, SP : Principis, 2020. 240 p. ; 16cm x 23cm. – (A divina comédia)
	Inclui índice. ISBN: 978-65-509-7032-1
	1. Literatura italiana. 2. Poesia. 3. Dante Alighieri. 4. A divina comédia. I. Pinheiro, José Pedro Xavier. II. Título. III. Série.
2019-2186	CDD 851 CDU 821.131.1-1

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura italiana : Poesia 851
2. Literatura italiana : Poesia 821.131.1-1

1ª edição revista em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

CANTO I	5
CANTO II	12
CANTO III	19
CANTO IV	26
CANTO V	34
CANTO VI	41
CANTO VII	47
CANTO VIII	53
CANTO IX	59
CANTO X	66
CANTO XI	73
CANTO XII	79
CANTO XIII	86
CANTO XIV	94
CANTO XV	101
CANTO XVI	107

CANTO XVII.....	114
CANTO XVIII	121
CANTO XIX	128
CANTO XX.....	135
CANTO XXI.....	141
CANTO XXII.....	148
CANTO XXIII	155
CANTO XXIV	162
CANTO XXV	169
CANTO XXVI.....	176
CANTO XXVII.....	183
CANTO XXVIII	190
CANTO XXIX	197
CANTO XXX.....	204
CANTO XXXI	212
CANTO XXXII.....	219
CANTO XXXIII	226
CANTO XXXIV	234



CANTO I

Dante, perdido numa selva escura, erra nela toda a noite. Saindo ao amanhecer, começa a subir por uma colina, quando lhe atravessam a passagem uma pantera, um leão e uma loba, que o repelem para a selva. Aparece-lhe, então, a imagem de Virgílio, que o reanima e se oferece a tirá-lo de lá, fazendo-o passar pelo Inferno e pelo Purgatório. Beatriz, depois, o guiará ao Paraíso. Dante o segue.

Da nossa vida, em meio¹ da jornada,
Achei-me numa selva tenebrosa²,
Tendo perdido a verdadeira estrada.

Dizer qual era é cousa tão penosa,
Desta brava espessura a asperidade,
Que a memória a relembra inda cuidosa.

Na morte há pouco mais de acerbidade;
Mas para o bem narrar lá deparado
De outras cousas que vi, direi verdade.

1 Aos 35 anos. Dante tinha 35 anos no dia 25 de março de 1300, ano no qual o papa Bonifácio VIII proclamou o primeiro Jubileu. (N. T.)

2 Simbólica selva dos vícios humanos. (N. T.)

Contar não posso como tinha entrado;
Tanto o sono os sentidos me tomara,
Quando hei o bom caminho abandonado.

Depois que a uma colina me cercara,
Onde ia o vale escuro terminando,
Que pavor tão profundo me causara.

Ao alto olhei, e já, de luz banhando,
Vi-lhe estar às espaldas o planeta,
Que, certo, em toda parte vai guiando.

Então o assombro um tanto se aquieta,
Que do peito no lago perdurava,
Naquela noite atribulada, inquieta.

E como quem o anélito esgotava
Sobre as ondas, já salvo, inda medroso
Olha o mar perigoso em que lutava,

O meu ânimo assim, que treme ansioso,
Volveu-se a remirar vencido o espaço
Que homem vivo jamais passou ditoso.

Tendo já repousado o corpo lasso,
Segui pela deserta falda avante;
Mais baixo sendo o pé firme no passo.

Eis da subida quase ao mesmo instante
Assoma ágil e rápida pantera³
Tendo a pele por malhas cambiante.

3 Símbolo da luxúria e da fraude; politicamente, de Florença. (N. T.)

Não se afastava de ante mim a fera;
E em modo tal meu caminhar tolhia,
Que atrás por vezes eu tornar quisera.

No céu a aurora já resplandecia,
Subia o sol, dos astros rodeado,
Seus sócios, quando o Amor divino um dia

A tais primores movimento há dado.
Me infundiam desta arte alma esperança
Da fera o dorso alegre e mosqueado,

A hora amena e a quadra doce e mansa.
De um leão⁴ de repente surge o aspecto,
Que ao meu peito o pavor de novo lança.

Que me investisse então cuido inquieto;
Com fome e raiva atroz fronte levanta;
Tremor parece o ar ao seu conspetto.

Eis surge loba⁵, que de magra espanta;
De ambições todas parecia cheia;
Foi causa a muitos de miséria tanta!

Com tanta intensa torvação me enleia
Pelo terror, que o cenho seu movia,
Que a mente à altura não subir receia.

Como quem lucro anela noite e dia,
Se acaso o tempo de perder lhe chega,
Rebenta em pranto e triste se excrucia,

4 O leão é o símbolo da soberba e da violência; politicamente, da França. (N. T.)

5 A loba é o símbolo da avareza e da incontinência; politicamente, da Cúria Romana. (N. T.)

A fera assim me fez, que não sossega;
Pouco a pouco me investe até lançar-me
Lá onde o Sol se cala e a luz me nega.

Quando ao vale eu já ia baquear-me
Alguém⁶ fraco de voz diviso perto,
Que após largo silêncio quer falar-me.

Tanto que o vejo nesse grão deserto,
“Tem compaixão de mim”, bradei transido
“Quem quer que sejas, sombra ou homem certo!”

“Homem não sou”, tornou-me, “mas hei sido,
Pais lombardos eu tive; sempre amada
Mântua lhes foi; haviam lá nascido.

Nasci de Júlio em era retardada,
Vivi em Roma sob o bom Augusto,
Quando em deuses havia a crença errada.

Poeta, decantei feitos do justo
Filho de Anquíses, que de Troia veio,
Depois que Ílion soberbo foi combusto.

Mas por que tornas da tristeza ao meio?
Por que não vais ao deleitoso monte,
Que o prazer todo encerra no seu seio?”

“Oh! Virgílio, tu és aquela fonte
Donde em rio caudal brota a eloquência?”
Falei, curvando vergonhoso a frente.

6 O poeta Virgílio Maro, símbolo da razão humana. (N. T.)

“Ó dos poetas lustre, honra, eminência!
Valham-me o longo estudo, o amor profundo
Com que em teu livro procurei ciência!

És meu mestre, o modelo sem segundo;
Unicamente és tu que hás-me ensinado
O belo estilo que honra-me no mundo.

A fera vês que o passo me há vedado;
Sábio famoso, acude ao perseguido!
Tremo no pulso e veias, transtornado!”

Respondeu, do meu pranto condoído:
“Te convém outra rota de ora avante
Para o lugar selvagem ser vencido.

A fera, que te faz bradar tremante,
Aqui passar não deixa impunemente;
Tanto se opõe, que mata o caminhante.

Tem tão má natureza, é tão furente,
Que os apetites seus jamais sacia,
E fome, impando, mais que de antes sente.

Com muitos animais se consorcia,
Há de a outros se unir ‘té ser chegado
Lebréu, que a leve à hórrida agonia.

Por ouro ou por poder nunca tentado
Saber, virtude, amor terá por norte,
Sendo entre Feltro e Feltro⁷ potentado.

⁷ Entre Montefeltro e Feltro. (N. T.)

Será da humilde Itália amparo forte,
Por quem Camila a virgem dera a vida,
Turno Euríalo, Niso acharam morte.

Por ele, em toda parte, repelida
Irá lançar-se no infernal assento,
Donde foi pela Inveja conduzida.

Agora, por teu prol, eu tenho o intento
De levar-te comigo; ir-te-ei guiando
Pela estância do eterno sofrimento,

Onde, estridentes gritos escutando,
Verás almas antigas em tortura
Segunda morte a brados suplicando.

Outros ledos verás, que, em prova dura
Das chamas, inda esperam ter o gozo
De Deus no prêmio da imortal ventura.

Se lá subir quiseres, um ditoso
Espírito⁸, melhor te será guia,
Quando eu deixar-te, ao reino glorioso.

Do céu o Imperador, a rebeldia
Minha à lei castigando, não consente
Que eu da cidade sua haja a alegria.

Em toda parte impera onipotente,
Mas tem no Empíreo sua augusta sede:
Feliz, por ele, o eleito à glória ingente!”

8 Beatriz, a mulher que Dante amou. (N. T.)

A DIVINA COMÉDIA – INFERNO

“Vate, rogo-te”, eu disse, “me concede,
Por esse Deus, que nunca hás conhecido,
Porque este e maior mal de mim se arrede.

Que, até onde disseste conduzido,
À porta de São Pedro eu vá contigo
E veja os maus que houveste referido.”

Move-se o Vate então, após o sigo.



CANTO II

Depois da invocação às Musas, Dante, considerando a sua fraqueza, duvida de aventurar-se na viagem. Dizendo-lhe, porém, Virgílio que era Beatriz quem o mandava e que havia quem se interessasse pela sua salvação, determina-se segui-lo e entra com o seu guia no difícil caminho.

Fora-se o dia; e o ar, se enevoando,
Aos animais, que vivem sobre a terra,
As fadigas tolhia; eu só, velando,

Me aparelhava a sustentar a guerra
Da jornada, assim como da piedade,
Que vai pintar memória, que não erra.

Ó Musas! Ó do gênio potestade!
Valei-me! Aqui, ó mente, que guardaste
Quanto vi, mostra a egrégia qualidade.

“Poeta”, assim falei, “que começaste
A guiar-me, vê bem se em mim persiste
Calor que, à empresa que me fias, baste.

Que o pai do Sílvio⁹ fora, referiste,
Corrutível ainda, até o inferno
Sem perder o que em corpo humano existe.

Se do mal assim quis o inimigo eterno,
Origem vendo nele do alto efeito,
O que e o qual, segundo o que discerno,

Pela razão bem pode ser aceito;
Que para Roma e o império se fundarem
Fora no céu por genitor eleito;

À qual e ao qual cabia aparelharem,
Dizendo-se a verdade, o lugar santo
Aos que do maior Pedro o sólio herdaram.

Nessa empresa, em que o hás louvado tanto,
Cousas ouviu, de que surgiu motivo
Ao seu triunfo e ao pontifício manto.

Lá foi o Vaso¹⁰ Eleito ainda vivo:
Conforto ia buscar, à fé, que à estrada
Da salvação princípio é decisivo.

Por que irei? Quem permite esta jornada?
Eneias, Paulo sou? Essa ventura
Nem eu, nem outrem crê ser-me adaptada.

Receio, pois seja ato de loucura,
Se eu me resigno a cometer a empresa.
Supre, és sábio, o que digo em frase escura.”

9 Eneias. (N. T.)

10 São Paulo que nos Atos dos Apóstolos é chamado o Vaso de eleição. (N. T.)

DANTE ALIGHIERI

Como quem ora quer, ora despreza,
Sua alma a ideias novas tem disposta,
Mostrando aos seus desígnios estranheza,

Assim fiz eu na tenebrosa encosta,
Porque, pensando, abandonava o intento,
Formado à pressa, que ora me desgosta.

“Do teu dizer se atinjo o entendimento”,
Do magnânimo a sombra me tornava,
“Eivado estás de ignóbil sentimento,

Que do homem muita vez faz alma ignava,
Das honrosas ações o desviando,
Qual sombra, que o corcel ao medo trava.

Desse temor livrar-te desejando,
Por que vim te direi e quanto ouvido
Hei logo ao ver-te mísero lutando.

No Limbo era suspenso: eis requerido
Por Dama fui tão bela, tão donosa,
Que as ordens suas presto lhe hei pedido.

Brilhavam mais que a estrela radiosa
Os seus olhos; suave assim dizia
De anjo com voz, falando-me piedosa:

‘De Mântua alma cortês, que inda hoje em dia
No mundo gozas fama tão sonora,
Que, enquanto existir mundo, mais se amplia,

Amigo meu, que a sorte desadora,
Pela deserta falda indo, impedido
De medo, atrás os passos volta agora.

Temo que esteja tanto já perdido,
Que tarde eu tenha vindo a socorrê-lo,
Pelo que lá no céu dele hei sabido.

Parte, pois, e com teu discurso belo
E quanto o salvar possa do perigo
Lhe acode; e me console o teu desvelo.

Sou Beatriz, que envia-te ao que digo,
De lugar venho a que voltar desejo:
Amor conduz-me e faz-me instar contigo.

Voltando ao meu Senhor, em todo o ensejo
Repetirei louvor, que hás merecido?
Tornei-lhe, quando já calar-se a vejo:

‘Senhora da virtude¹¹, a quem tem sido
Dado só que proceda a espécie humana
Quanto é no mundo sublunar contido,

Tanto praz-me a ordem que de ti dimana,
Que, já cumprida, houvera inda demora:
Em me abrir teu querer não mais te afana.

Diz-me, porém, por que razão, Senhora,
Baixar a este centro hás resolvido
Do céu, a que ardes por voltar agora.”

11 Senhora da virtude é a Beatriz, que simboliza a teologia. (N. T.)